



O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VI

Florianópolis, Maio de 1948

N. 3

O CONSTRUTOR

Virtude: Fortaleza — um carácter forte, corajoso e decidido.

Defeito oposto: Covardia — uma alma fraca, tímida e inconstante.

O Construtor: "Sagrado Coração de Jesus, eu confio em vós". (300 dias de indulgência).

O Ajudante: "Doce Coração de Maria, sede minha salvação". (300 dias).

Método: Começa o dia com atos de confiança. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; diz estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: O soldado que luta bravamente em defesa de seu país, pratica a virtude natural da fortaleza. Se acrescentar a seu patriotismo a vontade de agradar a Deus, porque crê agradável a Deus o defender sua pátria, então pratica a virtude sobrenatural da fortaleza. Ela faz com que um homem aja com coragem, suporte provações, lute contra dificuldades, para agradar a Deus, para salvar sua alma e merecer uma recompensa eterna.

— No cumprimento dos deveres diários, encontramos dificuldades, e suportamos muita cousa desagradável à natureza humana. Daí, e que a fidelidade ao dever exige a prática diária da virtude da fortaleza. Mas a desconfiança em si mesmo e a confiança em Deus constituem o fundamento de toda a grandeza moral. Até o corajoso Pedro fraquejou e caiu. Com ele, caminhando sobre as águas de um mundo pecaminoso, exclamemos: "Senhor, salvai-nos, estamos perecendo... Sagrado Coração de Jesus, eu confio em vós". É Jesus, com as mãos estendidas, salva-nos da sepultura lodosa do pecado, brandamente censurando a nossa fraqueza: "Por que temeis? Ó homens de pouca fé".

Na Defensiva: O medo é a sentinela da natureza que nos anuncia o perigo. Medo excessivo impede o pensamento claro, provoca uma avaliação falsa das cousas temporais e eternas, destrói a paz interior e enfraquece a resistência às tentações. O Senhor aparece aos Apóstolos: "A paz seja convosco; sou Eu, não temais". Grupos frequentes de aspirações de fortaleza: "Sagrado Coração de Jesus, eu confio em vós", "Doce Coração de Maria, sede minha salvação", dão-nos a certeza da presença do Salvador ressuscitado e de Sua Mãe bendita. Como atos de virtude, as nossas aspirações fortalecem e estabilizam a alma em sua campanha pelo bem, enquanto seu valor impetratório restabelece a paz e a

CENTENÁRIO DE UM PIONEIRO

Dia 6 de Dezembro de 1528. Na praça da cidade de México reunem-se toda a população. Os conquistadores espanhóis, nas suas roupagens vistosas, a soldadesca, homens e mulheres do povo, índios, tudo quanto pode mover-se. É que chega o primeiro Bispo, Bispo-eleito, para ser exacto, D. Fr. Juan de Zumarraga, da Ordem dos Franciscanos.

No meio do esplendor festivo e do júbilo dos habitantes efetua D. Juan sua entrada na capital da recém-conquistado província do império colonial da Espanha.

Debaixo das manifestações de alegria, porém, escondia-se profunda miséria. Será que o novo príncipe da Igreja remediará o mal?

Vejamos quem foi ele, e compreenderemos as esperanças que os bons fundaram na pessoa do Pastor de suas almas.

Juan de Zumarraga nasceu em 1468, em Durango, Espanha. Muito jovem ainda, entrou para a Ordem Seráfica. Ordenado sacerdote, ganhou desde logo grande fama como pregador e confessor. A confiança de seus superiores e irmãos de hábito elevou-o sucessivamente aos postos de Guardião, Definidor e Provincial, postos em que se distinguia por sua grande santidade pessoal e sua exímia habilidade administrativa. Carlos V, o Imperador, nomeou-o confessor régio e pouco depois Inquisidor Régio.

Entretanto, Fernão Cortez, o conquistador do México, pediu a Carlos V que enviasse um Bispo para a nova colônia. O imperador, em Dezembro de 1527, sugeriu ao Papa a nomeação de Fr. Juan de Zumarraga. O Santo Padre aceitou a proposta: mas as bulas necessárias para a sagração do eleito tardaram em chegar.

As notícias que chegavam do México, deixaram ver que a presença aí de um superior eclesiástico era indispensável. D. Juan não esperou pelas bulas. Embarcou para o Novo Mundo, sem ter recebido a sagração episcopal.

Pouco tempo bastou-lhe para

confiança ao coração perturbado.

Na Ofensiva: O caminho para o inferno está calçado com bons propósitos. Planos bem intencionados transformam-se em aflição, pois o espírito se cança com a contínua auto-disciplina. Mas sob a influência inspiradora da direcção de Jesus Cristo crucificado, Sua paciência e Sua fortaleza injetarão nova coragem no coração quando repete frequentemente nossas aspirações de fortaleza em casa, na igreja, em toda a parte, animado por nosso Salvador.

Charles A. Imba, S. J.

convencer-se de que, realmente, uma tarefa árdua o esperava. Cortez, havia não muitos meses, fôra chamado de volta à Espanha, carregado com acusações. Três patifes apoderaram-se do poder civil, oprimindo os índios e fazendo tudo para dificultar, senão impedir a obra dos missionários Franciscanos.

Zumarraga, que, além de ser Bispo, gozava do título de Protetor dos Índios, lutou vigorosamente pelos direitos dos nativos, excomungando os três administradores indignos e lançando o interdito sobre a cidade por causa dos ultrages contra o clero. No dia 15 de Julho de 1530, Cortez voltou como Capitão Geral da Nova-Espanha. Trouxe consigo Vasco de Quiroga, advogado, que seria mais tarde o primeiro Bispo de Micoacan, e D. Sebastian Ramirez de Fuenleal, Bispo de Santo Domingos, como ouvidores civis. E a paz restabeleceu-se.

Não muito depois, aos 12 de Dezembro de 1531, Nossa Senhora de Guadalupe apareceu no bispado de D. Juan.

Em Maio do ano seguinte, o Bispo-eleito foi chamado à Espanha para responder pelas acusações surgidas do conflito provocado pelos opressores do povo. Em Valladolid foi sagrado Bispo. Então fez uma clara exposição das condições em que se achava o México e recebeu favores e concessões para índios e colonos. Voltando, em Outubro de 1534, à sua sé, inaugurou a era mais gloriosa da história da Igreja no México.

Colaborando na maior harmonia com o primeiro Vice-Rei, Antônio de Mendoza, Zumarraga dedicou-se de corpo e alma à conversão e educação dos índios. Sob a sua direcção, os Franciscanos abriram o primeiro colégio do Novo Mundo, o Colégio da Santa Cruz, em Tlalotelco. Matricularam-se logo 500 meninos índios. Abriu também uma escola para meninas, confiando-a às primeiras religiosas a virem para a América. Em 1539, D. Juan montou a primeira tipografia, onde se editou o primeiro livro americano, o "Catecismo Resumido" da autoria do próprio Bispo, seguindo-se-lhe obras na lingua azteca. O seu cuidado paternal pelos índios doentes levaram-no a fundar os hospitais Amor de Dios (México) e o Hospital Régio em Vera Cruz. No campo da economia, D. Zumarraga tornou-se benemérito pelo impulso que soube inspirar à agricultura e à indústria, trazendo da Espanha sementes, animais domésticos e mecânicos formados.

Apesar de sua dignidade episcopal, D. Juan levou sempre a vida humilde de um Frade Menor. In-

* CANTINHO LITÚRGICO

Acabado o "Glória" ou, se este não se reza na resp. Missa, depois do "Kyrie", o sacerdote beija o altar e volta-se para os fiéis, dizendo: "O Senhor seja convosco". Ao que o ajudante responde, em nome dos fiéis: "E com teu espírito".

O beijo é o símbolo do amor e da reverência. O celebrante beija o altar onde se acha a ara, a pedra. Esta é uma figura de Cristo, a "Pedra Angular", e contém reliquias de mártires. Este beijo é, portanto, a expressão do amor a Cristo, o eterno Pontífice, e da reverência devida aos que derramaram seu sangue por Aquele que morreu por nós e que agora vai renovar o Sacrifício da Cruz. Assim, o sacerdote sauda, na sua qualidade de intermediário entre Deus e os homens, a Cristo e à Igreja triunfante.

Ao pronunciar a saudação sacerdotal "O Senhor seja convosco", num gesto cheio de significação, estende as mãos para os fiéis, desejando-lhes a ajuda da graça, luz e força para a subsequente oração. É também uma exortação para uma vida sem mancha. No coração puro está Deus, e onde Deus está, está a paz, está a verdadeira alegria, está a consolação nas tribulações de cada dia.

DAS NOSSAS CONGREGAÇÕES

C. M. N. Sra. da Glória — Aos 21 de Abril de 1948 foi eleita a seguinte Directoria: Presidente: Celestino Sachet; 1º Assistente: Geraldo Antônio Menezes; 2º Assistente: Tycho Brãhe Fernandes Neto; Secretário: Abdon Luiz Schmitt; Tesoureiro: Francisco Pereira da Silva Neto; Conselheiros: Brian McNeill Fairon e José Raimundo Pereira.

C. M. N. Sra. do Rosário — Secção dos Menores: Aos cinco de Maio, fizeram sua consagração à Santíssima Virgem: Aldo Peluso, Carlos da C. Pereira Fº., Daniel Barreto, Francisco Amante, João B. Borba, José Sobierajski, Luiz A. Veiga, Luiz C. Bayer, Luiz M. Parente, Roberto de Oliveira Fº. — Cordiais congratulações!

signes foram sua sólida piedade cristã, sua união constante com Deus e seu espírito de humildade. Quando a bula papal que trazia sua elevação à dignidade de Arcebispo, chegou, D. Zumarraga já estava na eternidade fazia um mês. Falecera aos 3 de Junho de 1548.

Desapareceu com ele um dos grandes pioneiros da religião e da cultura, só deixando à posteridade a memória de um genuíno discípulo de Cristo. E isto é tudo.

É BOM SABER...

— “Enamorar-se de Deus é o maior de todos os romances; procurá-lo é a maior aventura”. Nesta frase resume o P. M. Rafael Simon, de 38 anos, toda a sua vida. Como psiquiatra judeu, o Dr. Kenneth Simon, ingressou na Igreja Católica, em 1936. Quatro anos mais tarde, tornou-se noviço de uma das mais severas ordens monásticas, a dos Trapistas. Num livro publicado há pouco, conta a sua viagem filosófica, via Aristóteles e Stº Tomás de Aquino, que o levou à casa religiosa. — O P. Simon é somente “um” dos moços que hoje estão engrossando as filas dos Trapistas, embora seu teor de vida seja muito rigoroso. Fora dos casos em que o trabalho ou a necessidade o exigem, estes monjes nunca falam. Levantam-se às 2 da madrugada (mais cedo aos domingos e festas), empregam diariamente umas cinco horas em trabalhos manuais, devotando o resto à oração, meditação e ao canto do divino ofício, retirando-se para suas enxergas pelas 20 horas. A não ser em caso de doença, não comem nem carne nem peixe nem ovos. — Perto de um quarto dos Trapistas americanos são antigos membros das forças armadas.

(Newsweek — New York)

— “Newsweek” (5-4-1948) registra, também, e aprova a tentativa de católicos Veteranos de Guerra (U. S. A.) de impedir o embarque de máquinas em grande quantidade para a Rússia, porque: não se compreende como os americanos podem favorecer os preparativos da U. R. R. S. para uma nova guerra. E isto depois da experiência de ante-guerra com o Japão. Os caracteres dos manifestantes “Lembrados do ferro velho que temos mandado ao Japão!” deviam abrir os olhos aos mais ingênuos — menos aos vendilhões que fazem mais caso do dinheiro do que da pátria e da liberdade.

(Cf. Newsweek — New York, 1. c.)

— Uma das mais apreciadas condecorações do exército dos Estados Unidos, a Medalha da Liberdade, tem sido conferida ao P. Miguel Selgas, pelos importantíssimos serviços prestados durante a guerra no seu posto de Diretor do Observatório Meteorológico de Manila, cargo que vem preenchendo há um bom número de anos.

— O P. E. Bryan, S. J., encerrou seu primeiro ano de vôos paroquiais que lhe permitem atender à sua extensa freguesia, que compreende 310.000 milhas quadradas na Austrália Ocidental. Graças ao Avião, pode fazer em uma semana o que antes lhe tomava mês e meio. (De Nuestra Vida — Lima).

— O Cardial Dougherty proibiu aos católicos da Arquidiocese de Philadelphia, U. S. A. (cerca de

LIVROS

Fogo sobre a Terra, por Paul Hanly Furfey; Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1947. — O autor, sacerdote e director do Departamento de Sociologia da Universidade Católica da América, mostra neste livro a função essencialmente social do cristianismo. Exige — e com absoluta razão — uma Sociologia Sobrenatural. Pois que a sociedade humana tem, inegavelmente, uma finalidade sobrenatural, toda a sociologia deve ser sobrenatural. Tomando esta verdade como verdade básica, mostra, no seguinte capítulo as relações entre a Graça Divina e o Problema Social, tornando-se evidente, já nesta parte, a luta inevitável entre uma sociologia materialista (seja a defendida por um capitalismo errôneo, seja a em que se baseiam os totalitarismos nazista, fascista e comunista) e a sociologia genuína, i. é, sobrenatural. Isto fica mais claro ainda nas considerações sobre o Corpo Místico e o Mundo actual. Qual a atitude a assumir, não só pelo sociólogo católico, mas por qualquer homem católico? A resposta é dada sob os títulos: Acção Política, o Dever de Presença, Testemunho e a Técnica da Não-participação. O Teste Pragmático consiste na vida pela fé, a vida subordinada às verdades da fé, vida organizada e compenetrada pela fé. — Sec.: C.

A Vida de Santo Agostinho, por Giovanni Papini; Companhia Editora Nacional, São Paulo, 3. edição, 1946. — Há muitos santos. Mas há — relativamente — poucas vidas de santos que nos dão uma idéa exata do que é um santo. Atribua-se a nosso biografado a pergunta, referindo-se aos santos: “O que eles puderam, não o poderemos nós também?” Às vezes, mesmo muitas vezes, parece ser indicada resposta negativa. Pois o que não poucos hagiógrafos fazem é apresentar-nos uma série de retratos mais ou menos bem feitos, mas, certamente, muito retocados. O que fizeram, para citar um só exemplo, de S. Luiz Gonzaga? Um espantoso. Contra este perigoso abuso dirigiram-se sábios teólogos de renome, como, p. ex., o jesuíta austriaco Brucker. Mostrai-nos o santo como ele realmente foi, em carne e osso. Com todas as suas fraquezas e falhas. Mostrai-no-lo nos seus desfalecimentos e nos seus sinceros

1.000.000 de católicos) de ver as fitas que correm no “Fox Theater” e suas “ramificações”, por pelo menos um ano. A dita empresa desrespeitou as admoestações de Sua Eminência a respeito do filme “Forever Amber”. Um outra empresa, a “William Goldman Theaters, Inc.”, retirou a fita “The Outlaw” em deferência a um pedido do Cardial.

(The National Catholic Almanac — Paterson, N. J.)

esforços de cooperar com a graça de Deus. Isto anima. Isto mostra que a santidade não é privilégio para uns poucos escolhidos. Neste espírito apresenta-nos Papini seu santo. Quão profundamente caíra Agostinho nos seis primeiros lustros de sua vida! Que lucas tremendas contra o orgulho e a carne. Mas venceu. Tornou-se um dos grandes luminares do firmamento dos amigos de Deus, um esteio da Igreja, um exemplo vivo para os seus semelhantes de todos os tempos. Dizemos deste livro o que aquela misteriosa voz de criança aconselhou ao futuro Doutor da Igreja: “Tolle, lege!” “Toma e lê”. Sec.: C.

DO MEU DIÁRIO

1º de Abril. — Não posso conformar-me com as histórias do Ademi, cada qual mais verdadeira do que a outra: caçadas onde leões morrem a pauladas e outras histórias com a mesma etiqueta.

Ora, eu não quero fazer juízo temerário, mas isso não se engole assim tão facilmente. — Ademi amigo, desculpe-me, mas precisas por um pouco de manteiga nessas histórias, para que elas escoreguem melhor.

* *

14 de Abril. — A Secção dos Menores realizou, hoje, a primeira reunião no salão. Pelo P. Director foram designados como oradores o Presidente e o IIº Assistente. Convém que os oficiais dêem o bom exemplo aos soldados rasos. Mas a sorte deveria decidir quem falaria na reunião do dia 28 p. v. Ao abrir-se a caixa com os nomes dos congregados que poderiam ser as seguintes vítimas, mais de um deles sentiu, antecipadamente, uma fraqueza nos joelhos. — Calma no Brasil! A C. M. não se compõe de antropófagos.

* *

17 de Abril. — Pedro (aquele que costuma assinar os telegramas que manda em inglês: Peter the Big) mostrou-me, hoje, uma fotografia. Lá estava ele, fardado (servia, então, na 16. C. R., com os privilégios do CIP por cima), com seu amigo João, o jovem esbelto, de cabelos louros. Que par encantador! Mas o que mais prendeu minha atenção, foi o auto atrás deles. Parecia-me que o para-choque tinha um quê de anormal. Ah, sim! Lembro-me agora. Lembro-me também de uma árvore que, em tempos idos, ensombrava a Avenida Trompowski. Já não há sombra naquele lugar. O João foi para o Rio. E o Pedro ficou só com as lembranças...

ESCOLA DE GUERRA (XXIII)

43. “Procurem todos quanto lhes for possível, exercitar o zelo, ainda privadamente, em obras de misericórdia espirituais e corporais, (1) e, de modo particular, em atrair à Congregação aqueles que virem são aptos para ela; porque assim cada congregado se tornará um verdadeiro apóstolo da glória de Deus e da de sua Mãe Santíssima”. (2).

Comentários: (1) Aquele que realmente procura sua santificação, não poderá guardar dentro de si o fogo do amor de Deus que arde em seu coração. Pelo contrário, quanto mais progride na santificação própria, tanto mais quererá aliviar os males do corpo e da alma do próximo. Exemplo vivo disto são os santos. E que outra cousa foi Cristo, senão o exímio Zelador das almas? — (2) Levando à C. M. pessoas “aptas” multiplica-se o bem. Santo André, um dos dois primeiros que seguiram a Jesús, logo que encontrou-se com seu irmão Simão, disse-lhe: “Encontramos o Messias”. E levou-o a Jesús. O Mestre aprovou plenamente o zelo e a escolha de André; pois, fixando em Simão seu olhar, disse: “Tu és Simão, filho de João, tu serás chamado Cefas, que quer dizer Pedro”. (Cf. Jo. 1, 42/43). — O próprio interesse pela C. M. deve levar o congregado a procurar novos membros que glorificam a Deus em si e nos outros.

A PERDA DE UMA COMUNHÃO

É bom considerares o que perdes diariamente quando faltas à Sagrada Comunhão.

1. Perdes uma visita de Jesús, autor de todas as santidades e energias espirituais.

2. Perdes o aumento considerável da graça santificante, que torna a tua alma mais agradável aos olhos de Deus.

3. Perdes uma parte da graça sacramental que te proporciona um especial auxílio nas ocasiões de tentação e no cumprimento de teus deveres.

4. Perdes a oportunidade preciosa de ficares livre dos teus pecados veniais.

5. Perdes a influência especial que a Sagrada Comunhão te confere contra os ardores da paixão.

6. Perdes a oportunidade de ficares remido, de parte ou de todos os castigos temporais devidos aos teus pecados.

7. Perdes a alegria espiritual, a doçura e o conforto particular que te confere a Sagrada Comunhão.

8. Perdes parte da glória que o teu corpo poderia revestir na ressurreição do último dia.

9. Perdes o grau mais elevado da glória que possuirias no céu por toda a eternidade.

10. Podes perder: a) A conversão ou salvação de alguma alma. b) Alguma graça particular há muito implorada. c) A vitória completa sobre faltas ou paixões. d) Livramento de um parente ou amigo do purgatório. e) Muitas graças tanto para os vivos como para os mortos.

John P. Daleiden, Chigado (Tradução)

CRISTO OU BARRABÁS?

por DANIEL A. LORD, S. J.

(Tradução)

(Continuação)

Então a porta abriu-se e a guarda do Templo forçou a Jesus pela entrada a dentro.

Estava agora longe de apresentar o aspecto do conquistador que no domingo precedente cavalgava em triunfo pela cidade. O que eles lhe tinham feito, não-o sabia então. Mas Ele estava aí, coberto de lama e sujeira. Suas mãos estavam manietadas atrás das costas, forçando-o a uma posição grotesca. Suas vestes exalaram o cheiro de suor e do sangue que as manchava. Sua face direita estava em carne viva, como se alguém lhe tivesse dado um soco com uma luva de aço. Era um homem arruinado, não havia dúvida.

Mas apesar de tudo isto e o rude empurrar dos guardas que O forçaram para dentro da sala e depois se retiraram da impura presença de nós, pagãos, Ele parecia um príncipe que se encontra com seu igual. Tive a sensação que a autoridade estava enfrentando a autoridade — embora não pudesse dizer, de que modo provocava esta impressão no Seu estado de miséria.

Sei, porém, que Pilatos que se sentara para julgar o homem, agora se levantou como na presença de um de sua condição. Um igual seu, somente? Ou foi este levantar-se um gesto de honra dirigido a um superior?

Eu inclinei-me, meio para Pilatos, meio (embora não tivesse a intenção) para o prisioneiro, saí e fechei a porta atrás de mim. Então fiquei por aí, apesar de as sentinelas me dardejarem olhares irados. Estava preso ao lugar por meu interesse incontrolável.

Roma controla as portas de seus palácios à prova de som e de força. Assim, tudo quanto pude pegar foi o mais fraco murmurar de vozes que se alternavam. Fantásticamente fiquei a pensar: "Isto não é uma entrevista entre juiz e criminoso. Isto é uma conversa entre iguais, entretidos num debate de homem para homem".

Mas, embora me esforçasse, não pude apanhar uma única palavra.

O próprio Pilatos abriu as portas de par em par. E, coisa estranha, ele deixou o prisioneiro atrás de si, no gabinete, sem guarda. Quando notou-me, esboçou mais uma vez aquêl sorriso irônico e enigmático.

"Ele seria mais um caso para ti, Philo, do que para mim. Estou quase com vontade de deixar-te experimentar tua filosofia grega com Ele".

Meu interesse era bastante vivo para dispensar palavras.

"Estou-o julgando de vida e morte e Ele começa a falar em verdade", Pilatos deu uma gargalhada.

Desta vez, o meu interesse forçou-me a falar. "Que verdade?" perguntei. "Que disse Ele sobre a verdade?"

"Grandes céus, homem! Será que tenho tempo para trivialidades, quando o tipo está em perigo

de ser feito em postas pela ralé?"

E saiu ao encontro dos sacerdotes e do povo.

A explosão de ódio com que foi recebido, não precisava de comentário. Nem precisava eu estar presente para vêr aquele humilhante desdém com que, como eu sabia, ele olhava o nojento populacho, fazendo-o calar-se. Então, sua voz, sem palavras articuladas na distância a que me achava, levantou-se.

Uma pausa... e não havia possibilidade de engano na gritaria que veio como resposta.

Que é que há de tão insofismável num grito por sangue? Tal grito agora lançou-se ao longo do corredor, qual uma pesada fera, a boca coberta de espuma. Não havia dúvida, tudo estava dirigido contra o homem no gabinete de Pilatos, êsse homem a respeito do qual nunca ouvira uma palavra que não fosse um louvor. Aproximei-me da porta aberta e olhei para dentro. Lá estava Ele, êsse estranho homem, que, poucos dias antes, tinha provocado no povo um frenesi de amor e entusiasmo e agora despertava o desejo de Seu sangue nos corações do mesmo povo.

Parecia ter-se retirado deles inteiramente. Sua cabeça estava ligeiramente inclinada, como se estivesse a pensar profundamente ou rezando. Nele não se descobria o mais leve vestígio de medo, nenhuma trêmula antecipação do julgamento iminente, nenhuma concentração de forças para negociar com o governador ou para ganhá-lo, de um modo ou outro, para Seu lado, e aparentemente não se impressionava com o facto que, dali a uns passos, Seus patriotas reclamavam Sua morte.

Afastei-me da porta, completamente confuso, justamente quando uma explosão final da fúria da ralé pareceu atirar a Pilatos pelo corredor, de volta para o gabinete. Já o vira assim antes, — um jogo de emoções contraditórias que convulsionavam sua alma turbulenta. Foi esta a sua grande fraqueza: Viu a justiça; temia, porém, de excitar o ódio contra si pelo exercício desta justiça. Ele era capaz de passear seu olhar pelo caminho duro, e mesmo assim procurar enganosamente uma estrada fácil.

Passou por mim sem ver-me. Não poderia dizer, se a força motriz de seu movimento ao longo do corredor foi a fuga do populacho ou a atração para aquêl homem que o estava tranquilamente esperando no seu gabinete.

Então, com aquela espécie de percepção secundária que nos acorda de nossas distrações, êle deu por minha presença e voltou-se para mim.

"Disseste alguma coisa a respeito de um costume judeu nos seus dias de festa", observou, numa voz baixa, tesa e terrivelmente perturbada.

Meu coração deu um salto. Graças aos graciosos poderes que, durante o jantar da tarde pre-

cedente, me fizeram referir-me a esta estranha tradição entre romanos e judeus!

"Sim, Excelência", respondi prontamente. "Nas suas grandes festas, como a de hoje, os governadores romanos costumavam agradar ao povo, libertando um preso..."

"Bem", exclamou e ficou parado, puxando a pele de sua poderosa queixada.

Meu coração bateu alto. Aqui estava uma boa notícia para D. Prócula. O marido via uma saída no horrível dilema, soltando a pedido do povo aquele homem, que o mesmo povo, no domingo precedente, aclamara seu rei.

Mas Pilatos ainda não se mexeu. Estudou-me com um olhar distraído. Percebi que apenas me via. Estava olhando através de mim — para quem? Não pude saber.

Sorriu de repente. Não foi um sorriso feliz, meramente um sorriso de astúcia, um subterfúgio agradável.

Foi um sorriso profundo, quase sinistro que sacudiu todo o seu corpo.

"Quem é o mais sujo, o mais ordinário, o mais perverso preso que empesta os nossos calabouços?" perguntou.

A resposta foi quase fácil demais. Havia meses, os soldados afinal encerraram numa busca pela cidade, um camarada de nome Barrabás. Contar-vos-ei mais dêle depois. No momento eu estava por demais admirado, por demais surpreso.

Mas respondi à sua pergunta impaciente. "Está lá Barrabás," disse.

"Bem!" gritou de novo e afastou-se de mim depressa, batendo com a porta atrás de si e seu prisioneiro.

Quê, em nome dos céus, significava isto?

Eu estava lá parado, roendo literalmente as unhas. Um secretário político que cordialmente me detestava, achou-se por acaso perto de mim. Ciumento de seu prestígio, lançou-me em rosto: "Por que não te deixa ir aos jantares a que és convidado e frequentar os conferencistas que estão aqui de passagem? Ele poderia consultar gente que sabe alguma coisa de política".

Agastado fui embora. D. Prócula tinha que saber esta estranha pergunta de seu marido. Corri a seus aposentos. A esposa de Pilatos estava no apartamento dela, disto tinha eu certeza. Mas quando bati com mais violência do que polidez e tãvito ditavam, sua bonita, jovem criada apareceu.

"Minha patroa", respondeu a minha pergunta, como se estivesse contando uma gracinha, que secretamente achava deliciosa, "está rezando e não pode ser perturbada". Deu-me com a porta na cara. Quase podia imaginar que ela se ria. Rezar numa hora como esta?

Oração, quando o que se requer é ação?

Então, a verdade se revelou a mim.

Sim, naturalmente precisamente; numa ocasião como esta.

Talvez, se, naqueles dias distantes, tivesse sabido rezar, eu também teria levantado as mãos para o alto. Oração foi exatamente o que se precisava, oração por coragem e decisão para Pilatos, oração por êsse homem ao redor do qual a rã tecida de inveja e ódio se estava cada vez mais apertando, oração por todos nós que éramos culpados pelo derramamento de Seu sangue.

Mas como as cousas estavam, eu tinha apenas minha filosofia grega como conselheiro. E não sabia nada de oração. Fixei a porta que tão insolentemente fôra fechada. Deveria arrombá-la e exigir que fôsse levado a Prócula? Ou deveria...?

Outra vez, o rugir do populacho prendeu minha atenção. Havia nele uma nota nova. Foi um grito quente e sedento de sangue. Eles, os homens e as mulheres do povo, pareciam ter provado sangue, tê-lo cheirado, ter estendido os braços para se banharem nele. Tenho ouvido as massas, na arena, berrar, assim, quando o imperador se voltava para perguntá-las sobre a sorte de um gladiador caído. "Vamos permitir que êle viva, ou deve o vencedor acabá-lo?" costuma perguntar o imperador. E sangue fuma nas suas vozes, quando bramam sua resposta reclamando a morte.

O grito que ouvia agora, tinha precisamente a mesma entoação. Não havia possibilidade de engano em sua interpretação.

Corri depressa para o meu escritório e à pequena janela que se abria sobre a escadaria marmórea e a porta do palácio do governador.

A massa, na maioria homens e moços, sem omitir algumas daquelas mulheres que se apressam para gozar seu supremo deleite com a execução de um homem, enchera densamente os pórticos do palácio. Tinham galgado as alturas onde, na plataforma, estavam os guardas com suas lanças, formando uma linha delgada, mas imóvel. Você podia sentir a força insolente dos soldados, quando picavam cruelmente os mais avançados ou, com um destre movimento do cotovelo, batiam na cabeça de algum que tinha chegado perto demais ou fôra empurrado adiante pela pressão da ralé.

Ali, no terraço, estava Pilatos — como sempre, numa atitude dramática; e perto dêle o vulto de Jesus.

Estava ali aquêl homem, na luz deslumbrante do sol oriental. O que quer que lhe tenham feito durante a noite no calabouço do Templo, todas as brutalidades que sofrera enquanto o arrastaram de côrte para côrte, apareceram agora na claridade cruel, impiedosa da manhã.

(Continua)

(Continuação)

O CAPITÃO

POR MATHIAS BODKIN, S. J.

(Tradução)

E com isto procurou desesperadamente um novo assunto para a conversação. Ninguém podia resistir a Desmond, quando queria ser especialmente cortês, e a paz, se não a boa vontade, estava restabelecida.

Foi quando dizia sua oração em ação de graças depois do lanche, que Desmond sentiu-se realmente desgostado consigo mesmo. St.º Anselmo, como foi dito, era uma escola protestante; agora Desmond sempre gostava de fazer um sinal da cruz agressivamente grande e de rezar com vagar, para mostrar que se orgulhava de sua Igreja. Hoje êle fez o sinal da cruz tão pequeno e inóspensivo quanto podia e não disse oração nenhuma, porque estava por demais absorto.

Seu colégio, ou pelo menos uma parte dele, tornou-se culpado da pior espécie de falta de espírito esportivo; ficou louco de vergonha perante todos os rapazes protestantes. Na viagem para casa, tentou deitar a culpa sobre a fraqueza de Brendan e sua falta de influência ou na impetuosidade de M'Carthy; mas sabia que poderia ter evitado todo este caso, se êle, somente êle, com toda deliberação, não tivesse resolvido não evitá-lo; sentiu-se realmente muito miserável. Esta descoberta, como era de esperar, não diminuiu seu ressentimento contra Brendan ou sua antipatia contra M'Carthy. Muito pelo contrário.

O Pe. Daniel levou três dias para saber tudo sobre a vaia. Desmond estava brandamente surpreso que o Chefe da Divisão não o conseguisse em um só dia. Não foi nenhum alívio para êle que o Pe. Daniel nunca mesmo de longe aludisse ao caso na sua presença. Vários rapazes congratularam-no por ter criado uma situação melindrosa; mas êle tinha uma espécie de intuição que o Chefe da Divisão não estava de acôrdo. Entretanto, quem se importava?

* * *

Menos de uma semana depois do caso do juiz, Brendan teve um outro encontro mesmo mais desagradável, com M'Donnell. Foi na véspera de um feriado, e uma excursão a bicicleta estava projetada para o dia seguinte. Quase todos os alunos maiores iriam; Brendan, porém, ficaria em casa, apesar de ter uma bicicleta novinha em folha, no depósito de S. Xavier. De fato, raras vezes andava com ela, só em casos que requeriam pressa ou por outras conveniências. Mas aconteceu que, justamente, nessa tarde, o P. Daniel pediu-lhe que fôsse à estação antes do estudo. Penetrou no depósito de bicicletas, assobiando alegremente e parou abruptamente. M'Donnell, coberto de poeira, e branco como giz francês, estava ajoelhado no chão, olhando fixamente para Brendan. Levou alguns minutos antes que êste percebesse o que interrompera. Passou duas vezes o olhar dos pneus que pendiam já vazios de sua máquina que estava de pernas para o ar, para a bicicleta de outro lado, e então baixou-o para as mãos de M'Donnell, antes de dar-se conta de que este estava trocando suas

câmaras de ar bem gastas pelas novinhas da silva de Brendan. E Brendan apanhara-o em flagrante; — sentiu-se tão envergonhado como se êle mesmo fôsse o flagrantado em furto.

Quando deu pelo rosto atemorizado de M'Donnell, uma imensa piedade encheu-lhe o coração. Afinal de contas, graças a Deus, foi sua própria bicicleta. "Ponha-a em seu lugar, quando estiver pronto", foram as palavras que lhe escaparam. Agarrou a máquina de Milligan e precipitou-se para o ar livre, mal sabendo o que tinha dito. Nunca contou a viv'alma este episódio e surpreendeu a M'Donnell pelo fato de não lhe mostrar frieza.

Perdoara realmente; quase esquecera o caso.

Neste meio tempo, o firmamento cobriu-se para Desmond com novas nuvens de tempestade. Foi, de fato, enquanto se achava nesse inquieto estado de alma, no qual caíra depois do caso do juiz, que êle a seus próprios olhos fracassou, em sua atitude quanto à admissão de Moore à Congregação Mariana. (N. do T.: Em muitos colégios de lingua inglesa, a assembléia geral dos congregados, decide a admissão dos novos congregados por meio de votação secreta).

Todo o mundo surpreendeu-se por vêr o nome de Moore na lista dos candidatos; pois já era o terceiro ano desde que estava na Divisão. E, de fato, não fossem doença e ausência de impedir até agora seu pedido de admissão, provavelmente pertenceria já há tempos à Diretoria; por que era notoriamente "piedoso". Porém, justamente naquela época, seu excessivo senso de dever fazia dêle um um prefeito bastante impopular. Uma série de interferências agravantes provocaram uma reação, quando surgiu uma diferença de opinião entre Moore como bibliotecário e um rapaz de nome M'Cormick, diferença que o ofendido funcionário relatou ao P. Daniel. O P. Daniel não fizera caso do crime de M'Cormick, que, na realidade, foi uma ninharia, mas isto não fazia diferença para a profunda indignação dêsse herói. Encontrou um largo bando de simpatizantes e companheiros de infortúnio, e alguns dos seus amigos estavam abertamente por medidas extremas. Um tipo presumido, um café-pequeno como Moore, diziam eles, deveria receber uma lição, um fariseu como êle deveria estar contente com as aparências de um "anjo"; não queriam este espécime numa Congregação de rapazes. Vários destes mesmos manifestantes tinham, eles mesmos, conseguido entrar na Congregação facilmente demais. Além disto, havia um considerável grupo de simpatizantes que duvidavam se uma piedade que, como em Moore, era capaz de tomar feições tão grotescas, deve-

ria ser encorajada. Agora, dois "R" (Rejeitados) bastariam para bloquear a Moore a entrada na Congregação, de modo que as cousas começavam a tomar um aspecto decididamente desagradável.

Foi quando as cousas assim remoinhavam, que Desmond se viu arrastado pelo redemoinho. As relações entre êle e Brendan não eram das melhores, desde o jogo contra St. Anselmo. Chegando, pois, ao seu quarto, antes das aulas da manhã, ficou surpreso de encontrar, na sua mesa, um bilhete na letra de O'Reilly. Pegou-o e percorreu-o impacientemente.

"Prezado Desmond.

"Você sabe provavelmente tão bem como eu que M'Cormick e dois amigos dele contam a quem quiser ouvi-los como entendem arranjar "RR" para Moore. Concedido que êle seja um burro sob certos respeitos, os três, certamente, não empregam os meios justos para proporcionar-lhe uma votação limpa. Poderia você fazer alguma coisa para que deixassem este jogo sujo? Eu tentei e fracassei. Mas, com você, isto é outra coisa, e como Presidente da Congregação que é, eles não poderiam dizer que você se estava metendo onde não é chamado. Diga-me se pode fazer alguma coisa, pois do contrário, acho que o Leão ou algum outro deveria ser avisado; vai um pouco longe demais a barragem desses santos sem par impedir assim que um camarada decente como Moore seja admitido à Congregação, por uma coisa que, na realidade... É uma versão particular; é só tirar a camuflagem, e se vê que barragem é esta. Por favor, tente fazer alguma coisa.

"Brendan".

"Com mil raios!" disse Desmond, e rasgou a mensagem de cima a baixo. "Por que não pode este tipo deixar os malandros brigar entre si? Eu certamente não levantarei um só dedo".

Entre duas aulas da manhã, êle foi procurar O'Reilly. Brendan veio logo ao seu encontro, mas fez uma cara comprida, quando Desmond lhe disse — que não via como poderia falar com M'Cormick e os outros.

"Vai ser muito ruim para mim", observou Brendan.

"Bestamente ruim", concordou Desmond. "Sinto muito".

Voltou para a aula, sentindo-se muito indisposto contra Brendan por tê-lo metido assim numa posição esquerda. Em caminho, encontrou-se com M'Donnell, e no mesmo momento a tentação de pregar uma peça a Brendan apresentou-se. Foi a engenhosidade do plano que o seduziu: desejava ver como sairia na prática. Há desvantagens em ser esperto. Três meses antes, a só idéia ter-lhe-ia causado desgosto; agora deleitava-se com sua extrema simplicidade:

"Ah, por falar nisto, M'Donnell, você é amigo de M'Cormick, não é? Bem, se eu fosse você, dir-lhe-ia que alguém está à espreita dêle por causa dêsse negócio com a Congregação. O Leão sabe disto, acho".

"Acho que êles então fariam melhor parar com isso", resmungou M'Donnell. "Mas não posso ver porque O'Reilly deseja proteger um maroto como Moore. Parece contagioso, não acha? Veja só! Entretanto, não gostaria de ser o miserável que bota um "R" no Moore, se o Leão pega a êle".

"Eu não gostava se fossem só três", disse Desmond negligentemente, "mas, se o pequeno tratante apanhasse uma dúzia de rejeições, seriam êles os que ririam. E não receio dizer que há uma dúzia ou mais que preferem dar-lhe o "R" a ver pisado aos pés o direito da Congregação a uma eleição livre. Entretanto, aceite meu aviso e faça com que deixem destas histórias. Ah! vejo que não quer; mas não diga depois que não o avisei". E foi-se embora.

Na reunião da Congregação, na tarde seguinte, Desmond traçou um grande "A" atrás do nome Moore, na lista dos candidatos. O P. Black, o Director, porém, estava francamente perturbado; pois, contando os votos, descobriu que havia pelo menos uma dúzia de listas com um "R" junto ao nome Moore. Quando as duas primeiras listas com o "R" fatídico foram desdobradas, não disse nada, nem marcou os votos. Mas, quando muitos mais apareceram, êle, naturalmente, não sabia mais o que pensar. Resolveu reunir sem mais os membros da Directoria para tentar receber um esclarecimento sobre esta estranha votação. Mas ninguém foi capaz de elucidar a questão.

"Sabe você explicar isto, Desmond?" perguntou afinal, e seu Presidente da Congregação hesitou. "Moore não é muito popular, Padre", disse afinal, no seu tom mais casual; e então acrescentou depressa: "Mas apesar de tudo, é muito bom rapaz". E sentiu como enrubescia.

O P. Black suspirou. "É uma grande pena", disse, "mas não vejo como posso admiti-lo", murmurou e suspirou de novo.

Assim Moore não foi admitido; e foi o boato geral que Brendan foi falar com P. Daniel a respeito — em vão. Isto não aumentou sua decrescente provisão de popularidade. E agora, justamente como no caso do juiz, Desmond teve tempo de verificar o mal que tinha causado. E imediatamente sentiu um verdadeiro nojo de si mesmo. Desta vez, assim disse êle a si mesmo, enquanto estava sentado, fixando a sua pequena lareira com aborrecimento, tratava-se de um caso bem sério. Moore ficaria muito sentido; e, a demais, todos falavam da inutilidade da intervenção do Capitão, e quase todos estavam incomodados com êle por causa disto. O que explicou, talvez, uma boa porção dêsses miseráveis "RR".

(Continúa)